

TECTÔNICA NA PERIFERIA: ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DE PROJETO **TECTONICS IN THE PERIPHERY: ALTERNATIVES FOR DESIGN TEACHING** JULIANA SICURO, ANA SLADE

Juliana Sicuro Corrêa é Arquiteta, Mestre em Arquitetura e Urbanismo e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estuda as relações entre arquitetura e território, história urbana e teoria da arquitetura e do urbanismo, com ênfase em infraestruturas, espaços públicos e produção do comum. sicuro.arq@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6975842091230075>

Ana Slade Carlos de Oliveira é Arquiteta e Doutora em Urbanismo. É Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da mesma instituição. Coordena pesquisas sobre Arquitetura Moderna Brasileira, ensino de arquitetura, arquitetura e cidade, arquitetura para moradia e trabalho, subúrbios e projetos para comunidades vulneráveis. anaslade@fau.ufrj.br

<http://lattes.cnpq.br/8206318584355989>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

Como citar esse texto: CORRÊA, J. S.; SLADE, A. Tectônica na periferia: alternativas para o ensino de projeto. **VIRUS**, n. 24, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v24/718/718pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

Resumo:

Este artigo aborda a experiência pedagógica do “Ateliê Aberto” na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) nos últimos anos, que vem debatendo e construindo possibilidades para um ensino de projeto alternativo às abordagens hegemônicas de matriz colonial-moderna com forte referencial europeu. O Ateliê procura responder a duas questões identificadas como problemas recorrentes do ensino de projeto: por um lado a desvalorização do desenho e do pensamento construtivo, compreendidos como ferramentas fundamentais para uma contribuição com a sociedade e, por outro, o distanciamento da realidade social urbana e de seus habitantes em toda a sua extensão e complexidade. É apresentada a abordagem que vem sendo experimentada no Ateliê Aberto para o projeto, assim como o repertório acionado para uma abordagem a partir da tectônica nas periferias brasileiras. A produção arquitetônica latino-americana recente é valorizada por reunir exemplos capazes de, a partir da pequena escala, promover transformações qualitativas nos espaços da vida cotidiana e pela forte aproximação entre o pensamento e a construção. Dessa forma, procuramos instrumentalizar futuras arquitetas e arquitetos para a ampliação e revisão do campo profissional mediante a possibilidade de transformação dos territórios a partir da arquitetura.

Palavras-chave: Tectônica, Periferias urbanas, Ensino de projeto, Arquitetura Latino-Americana

1 Introdução

Este artigo trata de uma experiência pedagógica de ensino de projeto de arquitetura, desenvolvida nos últimos três anos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), que vem debatendo e construindo possibilidades para um ensino alternativo de projeto às práticas hegemônicas, baseado em algumas diretrizes principais: o reposicionamento da(o)s arquiteta(o)s em relação às periferias urbanas; a construção de um repertório pertinente para essa atuação, que fortaleça as afinidades com a produção contemporânea na América Latina; e o questionamento da separação entre pensar e fazer, buscando-se aproximar o projeto do universo da autoconstrução. Serão abordadas ao longo do texto as principais motivações que guiaram a proposta, sua metodologia e seus resultados preliminares.

Formulado por um grupo de quatro professores¹, em colaboração com uma equipe de tutores e monitoras, o “Ateliê Aberto”² teve início na retomada das atividades acadêmicas em modo remoto, devido à pandemia do Covid-19. A mobilização do termo “aberto” teve como intenção materializar, de alguma maneira, aspectos que pareciam fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho transversal e colaborativo que estivesse sempre em construção. Segundo Sennett (2021 [2019], p. 16), um sistema aberto é aquele no qual regras simples de operação dão origem a um comportamento coletivo complexo, sofisticado e adaptável.

Ancorado nos temas das “Arquiteturas Mínimas” e das “Estruturas Poéticas” se desenvolveu e ganhou corpo, agregando novos docentes e discentes e apresentando-se como uma alternativa para um ensino de projeto engajado na transformação da realidade e em uma revisão crítica do ensino de projeto de arquitetura na universidade pública brasileira. O interesse dessa proposta pedagógica está focalizado em um cruzamento de duas agendas principais³: a tectônica, compreendida como “poética da construção” (FRAMPTON, 1995), como reivindicação de valorização do pensamento construtivo e do

¹ Nomeadamente: professores Diego Portas, Ana Slade, Andrés Passaro e Juliana Sicuro (substituta), tutores Ariane Pereira e Caio Carvalho e monitoras Gabriela Moussa e Larissa Monteiro. Somaram-se à equipe, em semestre seguintes, os professores Rodrigo D’ávila (substituto), Luciana Andrade, Jorge Fleury e Jonas Delecave e, entre outra(o)s o tutor David Morales e as monitoras Renata Esteves, Angela Blanco, Moana Reis, Ana Carolina Nonato e Isabelle Tiemi.

² O Ateliê é inaugurado em 2020, durante o semestre experimental remoto, a partir de aulas abertas chamadas “Conversas em Projeto”. Essas aulas se mostraram alternativa para o ensino de projeto em modo remoto e construíram um acervo coletivo disponível no youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCv4UDMLAIOLwfaJxKdcvRBA>.

³ Sobre a ideia de agendas para o ensino de projeto ver “Um possível ensino de projeto” por LASSANCE, 2015.

potencial de expressão construtiva da arquitetura; e a questão das periferias urbanas, que se torna ao mesmo tempo tema central de reflexão e campo prático de atuação em ateliê de projeto.

Esse cruzamento de agendas tem como objetivo o desenvolvimento de reflexões projetuais pertinentes, vinculadas às realidades cotidianas dos estudantes, e possíveis do ponto de vista material, construtivo e econômico. Buscamos, dessa forma, instrumentalizar futuras arquitetas e arquitetos para outros modos de atuação nos diversos territórios com os quais venham a operar de modo alternativo ao “grande gesto” do arquiteto-autor. Apostamos que intervenções de pequena escala, somadas e pensadas de forma sistêmica na cidade existente, possam se tornar verdadeiras “táticas de infiltração” em territórios pouco acessíveis ao projeto de arquitetura e urbanismo, como propõe Fernando Diez (DIEZ, 2010).

2 A partir do pequeno

Podemos observar hoje, na FAU-UFRJ e a partir de contatos com outras escolas brasileiras, uma predominância de exercícios de projeto que partem ou de um “diagnóstico” de um contexto específico ou de um “programa de necessidades” a partir do qual são desenvolvidos projetos de média a grande escala. Além da evidente – e questionável – herança funcionalista nas abordagens acima citadas, os exercícios pressupõem cenários de realidade nos quais o Estado ou o mercado seriam os motivadores das demandas hipotéticas. No entanto, a realidade com a qual a(o)s arquiteta(o)s que saem da universidade se deparam é bastante diversa e as demandas por grandes projetos urbanísticos ou de arquitetura são cada vez mais raras.

Não descartando as potencialidades de abordagens alinhadas com as práticas pedagógicas hegemônicas supracitadas, reivindicamos a necessidade de aproximação às realidades sociais nas quais os estudantes estão inseridos. Essa realidade apresenta desafios sociais e ambientais, assim como limitações do ponto de vista econômico. Para além das urgências socioambientais, lidamos com a positiva amplificação dos debates relativos a questões raciais e de gênero, desestabilizando as bases epistemológicas modernas que sustentaram e ainda sustentam em grande medida o campo disciplinar.

Como apontam Carranza e Lara, é necessária a revisão de determinados preceitos modernos e o reposicionamento do campo da arquitetura implica em uma mudança de escala. Em convergência com esse olhar em relação ao problema do projeto que é proposto o tema das “Arquiteturas Mínimas” para guiar os exercícios em ateliê. Segundo Carranza e Lara:

Ao mesmo tempo, a ideia de utopia mantida no passado foi abandonada, e nos tornamos céticos de qualquer solução de problemas. Ao invés disso, nós focamos no poder transformativo de pequenas intervenções e seu potencial de disseminação. Por essa razão, nós agora chamamos consciência social o que antes chamamos utopias. Isso implica uma mudança de escala (pequenos projetos) e também significa que a arquitetura não pretende mais ter o poder de mudar qualquer problema social dado (CARRANZA; LARA, 2015, p. 354, tradução nossa).

O “mínimo” não é um tema novo para a arquitetura e o urbanismo. A temática foi amplamente fomentada no contexto do movimento moderno a fim de encontrar respostas eficientes para a produção massiva de habitação. Entretanto, quando associado à racionalidade construtiva e a universalidade do projeto moderno, o ideal do mínimo tornou-se, muitas vezes, produtor de generalizações e foi em alguma medida responsável por afastar a arquitetura da diversidade de sujeitos e modos de vida que compõem uma sociedade democrática. Na releitura aqui proposta, o mínimo é compreendido como um possível catalisador da revisão crítica acima referida, podendo assumir diferentes manifestações: o mínimo como infraestrutural, o mínimo como a intervenção de pequena escala, o mínimo como aproximação ao detalhe construtivo, o mínimo como economia de recursos.

3 Duas agendas

Nessa proposta pedagógica, o conceito de tectônica é deslocado de seu contexto de origem – o reconhecimento por Frampton de obras de renomados autores – e ganha contornos políticos, apresentando uma alternativa para futuros arquitetas participarem de forma ativa na produção das paisagens que habitam. É importante contextualizar o interesse de refletir sobre nossa realidade urbana, cidades e metrópoles resultantes de intensos processos de parcelamento do solo e

expansão horizontal, formadas por tecidos urbanos heterogêneos e complexos, nos quais a trama de quadras desenvolvidas a partir do loteamento de casas unifamiliares é um dos padrões mais representativos.

Chamamos de “periferia” os territórios resultantes de um processo de produção do espaço identificado por Teresa Caldeira como “urbanização periférica” (CALDEIRA, 2017). Esses territórios não correspondem necessariamente às “bordas” da cidade. O fenômeno da urbanização periférica, segundo a autora, é presente em diversas cidades do chamado Sul Global. É caracterizada pela presença da autoconstrução, em diversos níveis, e pela utilização de “lógicas transversais” no que diz respeito à regulação urbana e à legalidade de forma mais ampla.

A baixa densidade característica de muitas dessas periferias significa potencial construtivo latente e gerador de novas configurações espaciais e arranjos econômicos. Apesar de estarmos tratando de uma porção da cidade comumente compreendida como consolidada e onde a presença de arquiteta(o)s é extraordinária, é um território que está em constante transformação através da autoconstrução no interior dos lotes. Identificamos nas arquiteturas produzidas nesses contextos um repertório específico de materiais e soluções que desperta interesse e uma rica dinâmica de usos e atividades entre o público e o privado, tanto nos espaços de expansão da casa para a rua quanto na incorporação de outras funções à casa além da moradia (SLADE, 2019). Outro componente da abordagem pedagógica aqui apresentada é a ênfase na questão construtiva, entendida como aspecto disciplinar fundamental. É importante que seja recuperado o estudo e conhecimento aprofundado do projeto de arquitetura, ocultados pelo consumo e reprodução excessiva de imagens que leva estudantes a apreensões superficiais de imagens “atraentes” que circulam livremente pela Internet (PASSARO; FAVERO, 2006) e nos afastam da concretude dos artefatos construídos.

Em contraposição ao ensino de projeto que comumente prioriza forma e espaço desatrelados de enfrentamento técnico-construtivo, a proposta do Ateliê Aberto é valorizar o pensamento construtivo desde as fases iniciais do processo de concepção projetual, a partir da escolha de materiais, sistemas e métodos de maneira imbricada com a proposição formal e espacial, em sensível relação com o contexto. Assim como reivindicado por Frampton na década de 1990, “não estamos aludindo à revelação mecânica da construção, mas à manifestação de uma estrutura potencialmente poética, no sentido original da palavra *poiesis*, como ato de criar e revelar” (FRAMPTON, [1990] 2006, p. 559).

A compreensão técnica-construtiva aliada a questões de ordem relacional e expressiva (estética) podem promover novas práticas em arquitetura que tirem partido da potência e das especificidades dos territórios em suas dimensões social, cultural e política. A aproximação entre pensar e fazer é também uma forma de lidar com impasses disciplinares estruturais apontados por Sérgio Ferro em “O Desenho e o Canteiro” (FERRO, [1975] 2006), configurando novos arranjos produtivos menos exploratórios pautados na troca de saberes e possibilidades de outras formas de produção.

4 Um repertório emergente

Uma vez estabelecida essa dupla agenda de trabalho, faz-se necessário construir um repertório que auxilie sua aplicação na prática de ensino de projeto. Cabe fazer uma breve defesa do estudo de projetos de arquitetura precedentes como ferramenta para a concepção de projetos. Apesar de frequente em muitas abordagens pedagógicas, nem sempre as escolas de arquitetura se utilizaram desse método de ensino e aprendizagem. Sabemos que na tradição da *Beaux-Arts*, os estudantes eram estimulados a copiar as obras dos grandes mestres. Já na tradição moderna difundida pela Bauhaus, a história deixa de ser pauta de interesse e as metodologias praticadas nos ateliês de projeto passam a se basear em exercícios formais e compositivos, estimulando a “genialidade criativa” e soluções inovadoras – sem precedentes – para os problemas enfrentados e tendo a originalidade como um valor (DE DUVE, 2003).

A problematização sobre qual repertório mobilizar – e suas implicações – se faz necessária. Como aponta Nilce Aravecchia-Botas (2018), a produção historiográfica em arquitetura e urbanismo vem assimilando aspectos importantes do pensamento decolonial. Todavia, o ambiente do ensino apresenta menos aderência a este debate e vem se reestruturando mais lentamente. A autora convoca para uma crítica radical e para a necessidade de uma ruptura profunda com as bases eurocêntricas do pensamento colonial que pautaram a modernidade e ainda representam o pensamento hegemônico no campo da arquitetura e do urbanismo. Cabe aqui ressaltar, como sugere Aravecchia-Botas (2018), a importância de um entendimento de América Latina como projeto cultural de resistência e não apenas como território marcado pela herança europeia. Nesse sentido, uma curadoria de práticas emergentes relacionadas à tectônica em países com características

sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais mais próximas do contexto brasileiro é acionada. Essas práticas buscam uma aproximação ao canteiro, tensionando a divisão entre pensar e fazer que estrutura o campo disciplinar desde sua origem, e que reforça as estruturas de poder dominantes.

Podemos citar exemplos como a produção contemporânea paraguaia que demonstra inventividade em experimentações construtivas com uma mão de obra artesanal e materiais tradicionais de baixo custo (GOMA OFICINA, 2019). Um exemplo reconhecido internacionalmente é a experimentação com tijolos no Paraguai, na obra construída do *Gabinete de Arquitectura* por Solano Benitez e Gloria Cabral (Fig. 1). Outras práticas, tais como as dos coletivos *Al Borde*⁴, no Equador e *OCA (Oficina Comunitaria de Arquitectura)*⁵, no Paraguai (Fig. 2), também estão no repertório selecionado, por partirem de técnicas construtivas e materiais locais, aliando a construção de baixo custo a articulações comunitárias e práticas educativas.



Fig. 1: Centro de Reabilitação Infantil Teléton, *Gabinete de Arquitectura*, Assunção, Paraguai, 2010). Fonte: Federico Cairoli, 2015. Disponível em: <http://www.federicocairoli.com/works/-fundacion-teleton/>. Acesso em 27/10/2022.

⁴ Para mais informações, ver: <https://www.albordearq.com/>.

⁵ Para mais informações, ver: <https://oca.com.py/>.



Fig. 2: Centro de Desenvolvimento Comunitário, OCA + Bonini Arquitectos, Luque, Paraguai, 2014. Fonte: Federico Cairoli, 2015. Disponível em: <http://www.federicocairoli.com/works/-centro-de-desarrollo-comunitario/>. Acesso em 27/10/2022.

A proposta que tem sido experimentada no Ateliê Aberto é de se estudar projetos através do desenho e da identificação de dispositivos arquitetônicos⁶ que sejam operativos para os projetos em desenvolvimento. Para além do desenho, nos interessa a compreensão de formas alternativas de inserção do projeto de arquitetura, para além da relação arquiteta(o)-cliente hegemônica, viabilizando processos mais participados e coletivos ou a prestação de serviços para camadas sociais de baixa renda.

A Casa Vila Matilde, projetada pelo estúdio paulista Terra+Tuma⁷ (Fig. 3), foi um dos pontos de partida na construção do repertório do Ateliê. É uma obra que despertou interesse por exemplificar o cenário acima referido de uma cliente que a princípio não contrataria um escritório de arquitetura. Além disso, do ponto de vista da tectônica, por seu sistema construtivo, que explora os planos de alvenarias estruturais de bloco de concreto associados a lajes pré-moldadas em balanço resultando em qualidade espacial, climática e lumínica em um lote estreito.

⁶ Chamamos de dispositivos arquitetônicos fragmentos ou estratégias extraídas dos projetos estudados para serem transpostos ou influenciarem os projetos dos estudantes.

⁷ Mais informações sobre o projeto, ver: <https://terraetuma.com/portfolio/casa-vila-matilde/>.



Fig. 3: Casa Vila Matilde, Terra e Tuma Arquitetos, São Paulo, Brasil, 2015. Fonte: Pedro Kok, 2015. Disponível em: <http://www.pedrokok.com/house-vila-matilde-sao-paulo-brazil/>. Acesso em 27/10/2022.

A produção argentina recente também desperta grande interesse pelas estratégias de intervenção nos interiores de quadras residenciais em Buenos Aires. Os projetos de pequenas arquiteturas desenvolvidos por escritórios tais como: Adamo Faiden, Alonso Crippa, FRAM arquitetos, ATOT, IR arquitectura e Florência Risotti, entre outros se destacam pela racionalidade construtiva e detalhamento apurado e experimentação de sistemas construtivos como estruturas leves metálicas e de madeira e de materiais disponíveis. Podemos ainda citar as experiências brasileiras de jovens escritórios tais como o Terra e Tuma, Gru.a e Messina Rivas que vêm trabalhando a pequena escala e a economia de recursos. As obras dos arquitetos acima mencionados incluem projetos para distintas classes sociais e nem sempre com soluções de baixo custo. Entretanto, há um interesse no modo de conceber o projeto, no modo como relacionam e exploram materiais e sistemas construtivos, com certa simplicidade e inventividade.

Apesar das especificidades contextuais, e das diversas poéticas autorais, identificamos de comum nessas práticas uma postura mediante a realidade e o exercício do projeto, explicitada de forma precisa por Adamo e Faiden no texto “El Constructor Contemporâneo”: uma forma de operar com aquilo que está ao alcance das mãos, em uma nova racionalidade construtiva. É uma prática atenta à cultura local, mas não necessariamente contida em suas condições, aberta a trazer aprendizados de outros contextos e saberes. Como descrevem Adamo e Faiden:

O construtor contemporâneo entende o mundo como uma coleção (...), não um quebra-cabeça cujas peças reconstruirão um todo encaixando-se. Ele o descreve como um mosaico sem cola, com múltiplas peças soltas e livres que têm valor em si mesmas e em relação às demais, formando associações diferentes e trocando conexões. (...) expande constantemente sua rede relacional. Sabe que se você conhece apenas “pessoas do bairro” você ficará preso no léxico em que estava educado, de modo que tenta travar conhecimentos com construtores, técnicas e ambientes desconhecidos. (...) se apoia nos ombros dos outros. Vai muito mais longe balizado pelas conquistas daqueles que o precederam (...) muitas vezes imita. É tão próximo do original quanto ele pode porque sabe que nunca conseguirá e que a diferença será francamente notável.⁸ (ADAMO; FAIDEN, 2009, p. 1-2, tradução nossa).

⁸ Do original, em espanhol: “El constructor contemporáneo entiende el mundo como una colección (...) no un rompecabezas cuyas piezas reconstruirán un todo al encajar unas con otras. Lo describe como un mosaico sin pegamento, con múltiples piezas sueltas, libres, que tienen valor en sí mismas y en relación con las demás, formando diferentes asociaciones y conexiones cambiantes. (...) amplía constantemente su red relacional. Sabe que si solo conoce “gente del vecindario” quedará atascado en el léxico en el que fue educado, de manera que intenta trabar conocimientos con constructores, técnicas y entornos desconocidos. (...) se sube a los hombros de otros. Llega mucho más lejos aupado por los logros de los que lo precedieron (...) muchas veces imita. Se acerca al original tanto como puede porque sabe que nunca lo conseguirá del todo y que la diferencia será francamente notable.”

A Casa Martos⁹ (Fig. 4), como outros projetos de Adamo e Faiden, é fruto de uma associação inventiva de materiais de catálogo que formam um sistema que é aplicado com variações em outros projetos. A estrutura metálica tubular leve é suporte para uma diversidade de painéis constituídos de elementos industrializados como a telha, a tela, a grades metálica, que com suas gradações de opacidade proporcionam uma variedade de relações entre o interior e exterior e qualidade de luz. A vegetação é outro importante elemento em seu léxico, estando presente em pátios, terraços e varandas ou mediando o ambiente privado e o urbano em “fachadas espessas” (ESKINAZI, ENGEL, 2019).



Fig. 4: Casa Martos, Adamo Faiden, Buenos Aires, Argentina, 2012. Fonte: Cristobal Palma, 2012. Disponível em: http://cristobalpalma.com/casa_martos. Acesso em 27/10/2022.

Outros projetos de anexos como a Casa Palos, projetada pelo escritório AToT¹⁰ (Fig. 5), suscitam reflexão sobre alternativas de atuação em vizinhanças residenciais de periferias brasileiras. O uso da estrutura metálica sobre preexistências aponta para soluções mais leves do que a típica construção em tijolo furado com estrutura de concreto armado.

⁹ Mais informações sobre o projeto, ver: <https://adamo-faiden.com/index.php/projects/data/af-casa-martos>.

¹⁰ Mais informações sobre o projeto, ver: <https://atotarq.com.ar/portfolio-2/casa-palos/>.

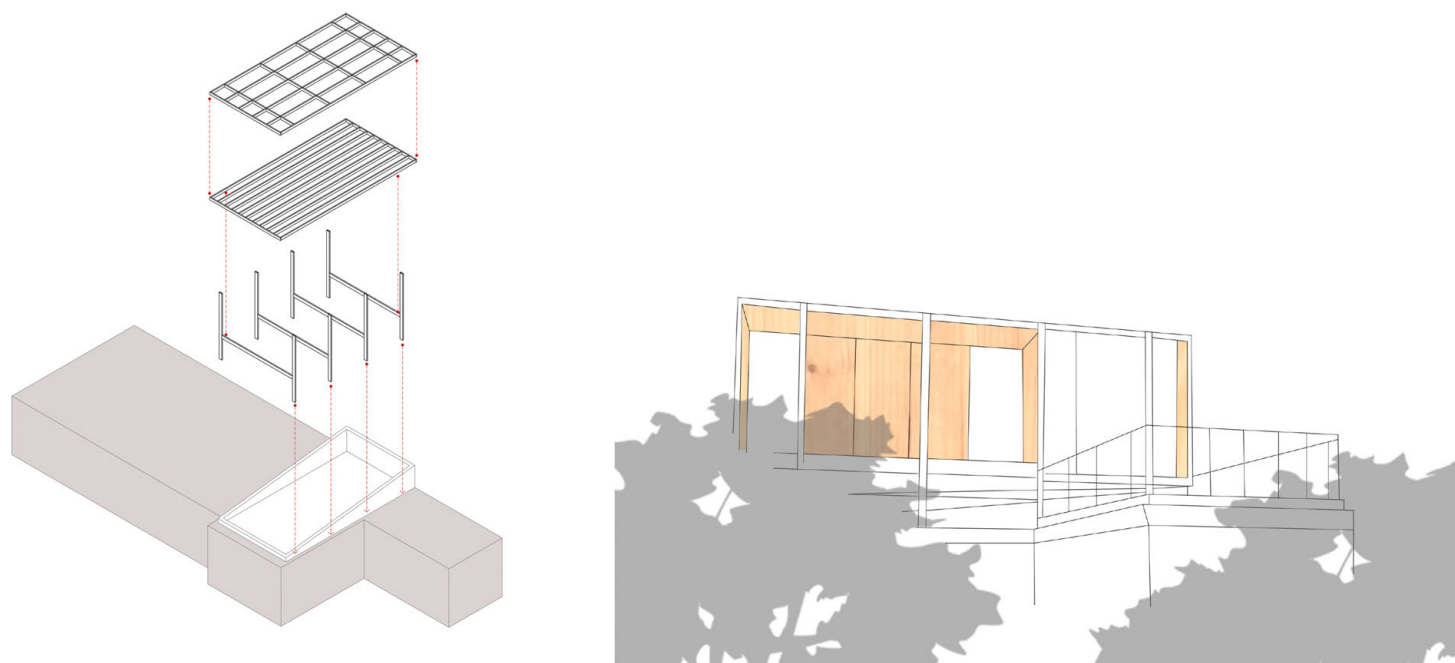


Fig. 5: Casa Palos, de AToT, Buenos Aires, Argentina, 2015. Desenhos de análise feitos por estudantes. Fonte: Julia Reyes e Wallace Alvim, 2021.

No Refúgio Urbano, dos arquitetos Agustin Berzero e Valeria Jaros¹¹ (Fig. 6), a intervenção partiu da demolição de pequenos trechos da laje que ocupava quase todo o lote, conformando quintais, de dimensões suficientes para garantir qualidade de ventilação e luz. Uma membrana construída com tijolo cerâmico comum faz a divisa do lote com a rua. O tijolo é assentado na horizontal – técnica bastante recorrente em casas autoconstruídas brasileiras – tornando-se um elemento vazado que permite iluminação e ventilação ao espaço interno ou, nesse caso, também externo. A solução construtiva adotada se diferencia por fazer uso de juntas armadas, que possibilita a adoção de um grande volume constituído pelos elementos vazados. O resultado demonstra a sofisticação projetual no que diz respeito à tectônica que produz um ambiente de luz filtrada e que preserva vistas para a paisagem e para o céu sem abdicar de privacidade em relação ao espaço urbano circundante.

103

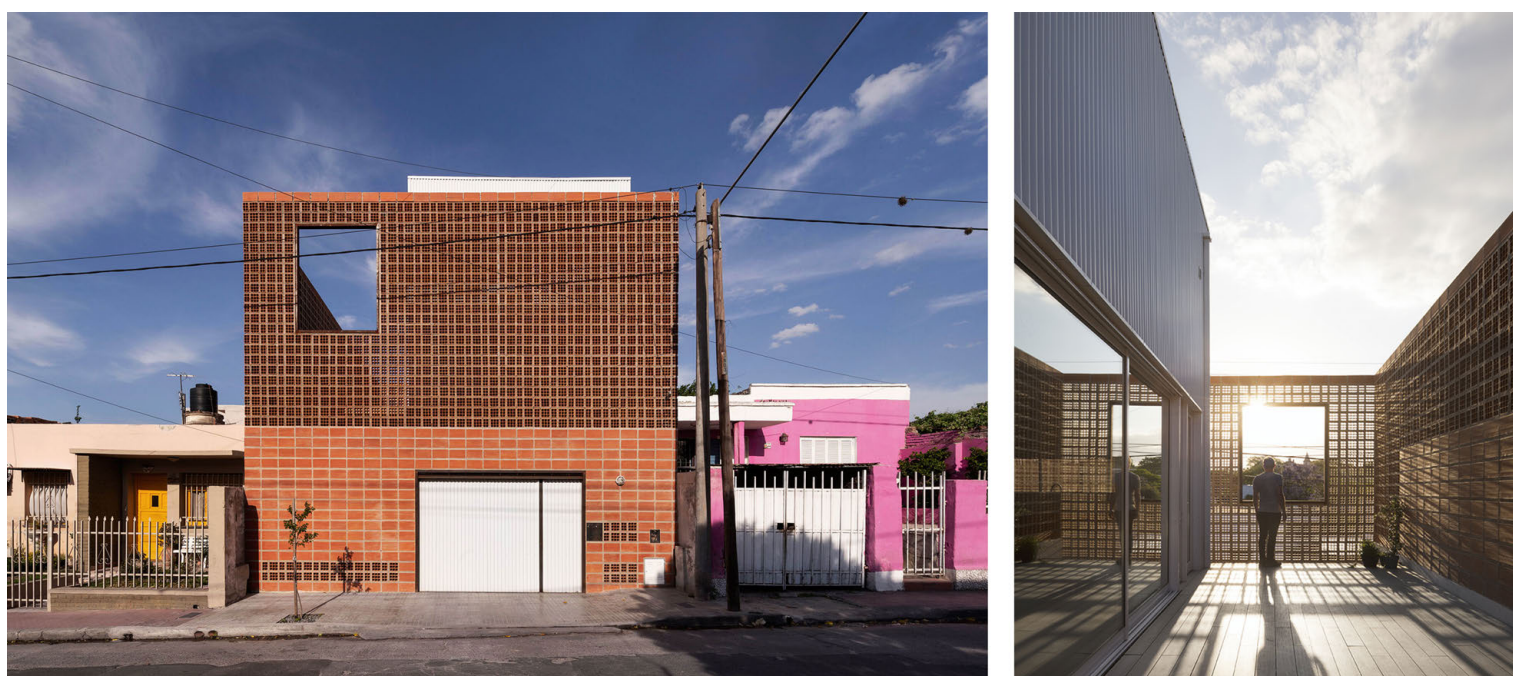


Fig. 6: Refúgio Urbano, de Estudio Berzero Jaros, Córdoba, Argentina, 2016. Fonte: <http://www.federicocairol.com/cortometrajes/-refugio-urbano/>. Acesso em 27/10/2022.

¹¹ Mais informações sobre o projeto, ver: <https://www.archdaily.com.br/br/911981/casa-estudio-refugio-urbano-estudio-berzero-jaros>.

No contexto brasileiro, algumas práticas de jovens escritórios se apresentam como exemplo da postura projetual de Adamo e Faiden. O Pavilhão Videiras do Gru.A¹² (Fig. 7) parte da eleição de um sistema estrutural de madeira associado a materiais de catálogo (artesanais e industriais) em um processo inventivo e cuidado nos detalhes e encontros. Na capela Ingá de Messina Rivas¹³ (Fig. 8), a potência expressiva da pedra enquanto elemento que compõe um muro vazado adquire uma leveza inesperada. A aproximação ao contexto rural – identificando materiais disponíveis e nuances topográficas – assim como a troca de saberes com construtores locais caracterizam a abordagem que poderia ser praticada em outros contextos.



Fig. 7: Pavilhão Videiras, Gru.A arquitetos, Rio de Janeiro, Brasil, 2016. Fonte: Federico Cairol, 2019. Disponível em: <http://www.federicocairol.com/encargos/brasil/-pavilhao-videiras/>. Acesso em 27/10/2022.

¹² Mais informações sobre o projeto, ver: <https://www.grua.arq.br/projetos/pavilhao-videiras>.

¹³ Mais informações sobre o projeto, ver: <https://www.archdaily.com.br/br/921490/capela-inga-mirim-messina-rivas>.



Fig. 8: Capela Ingá
Mirim, Messina Rivas,
São Paulo, Brasil, 2018.
Fonte: Federico Cairoli,
2019. Disponível em:
<http://www.federicocairoli.com/encargos/brasil/-capela-inga-mirim/>.
Acesso em 27/10/2022.

5 Transformação Ativa

Instigados por projetos e práticas como os acima citados, a(o)s estudantes são convocados ao desafio projetual chamado “Transformação Ativa”. Neste exercício, é estimulado o que chamamos de “olhar incomodado” para a realidade, ou seja, a partir de uma postura crítica e propositiva perante os espaços que habitam, a(o)s estudantes definem um local e problema para o projeto. O recorte pode ser no âmbito doméstico ou no espaço público – um pequeno equipamento comunitário em uma praça de bairro, um anexo no terreno de algum familiar – desde de que possa ser visitado para um levantamento físico e fotográfico e para reconhecimento das atividades cotidianas.

A preexistência é tratada como aspecto central. Reconhecer as potencialidades daquilo que existe, não procurar “corrigir” as paisagens imperfeitas das cidades em que vivemos ou produzir “*tabula rasa*” nesses contextos, mas sim, adicionar ou subtrair elementos para que novas qualidades sejam conquistadas. Os problemas relacionados à ventilação e iluminação natural, acessibilidade, privacidade e fluxos derivados de acréscimos que foram construídos sem planejamento são frequentes. Apesar de muitas vezes o acréscimo – popularmente chamado de “puxadinho” – atender a demandas dos usuários, é evidente a necessidade de ampliar espaço livre no interior dos lotes para garantir valores essenciais de habitabilidade. Nesse sentido, grande parte das intervenções propostas ampliam a presença da luz natural nos interiores domésticos e introduzem novos mecanismos de controle térmico-ambiental (elementos de sombra, recuos e beirais, filtros de luz nas fachadas, entre outros).

Os projetos Casa Fundos, Casa Rabelo e Casa Araújo representam operações projetuais recorrentes nos trabalhos do ateliê que se dedicam a pensar o lote residencial. Na Casa Fundos (Fig. 9) é proposto um anexo sobre a casa existente, que utiliza o bloco cerâmico como sistema construtivo, explorando a alvenaria estrutural e variações de assentamento do bloco de modo a criar planos vazados. Uma fachada perfurada destacada do volume da casa, cria uma espécie de pátio, que controla a entrada de luz e a privacidade nos ambientes internos e varandas de todos os pavimentos.

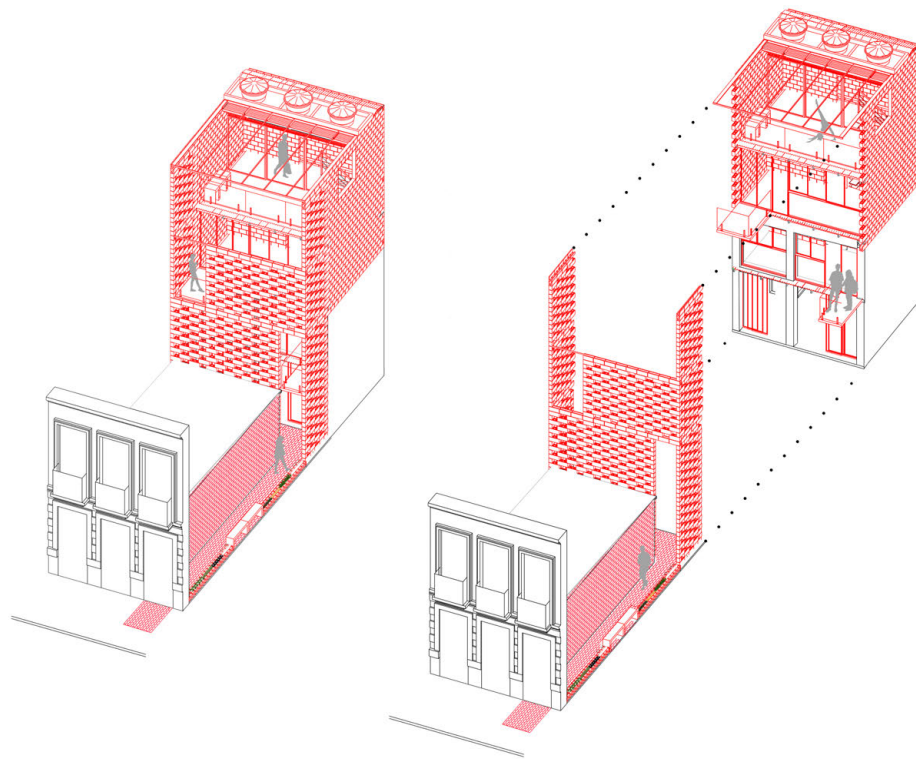


Fig. 9: Casa Fundos, Centro, RJ. Fonte: Ayumi Nakato e Leticia Hora, 2021.

Na Casa Rabelo (Fig. 10) opera-se na “construção de vazios” (pátios e recuos) para proporcionar ventilação e iluminação natural para o pavimento térreo. A atual cobertura da casa, que não favorece a iluminação natural, é substituída. A manipulação dos planos da nova cobertura confere variações de pé direito e espaços internos bem ventilados e iluminados. No terceiro projeto, a Casa Araújo (Fig. 11), a operação projetual consiste na sobreposição de uma estrutura leve nova sobre parte da construção existente e na retirada das alvenarias que impediam o contato entre os espaços internos da casa e o quintal, criando um espaço amplo e arejado responsável pela intermediação entre dentro e fora.

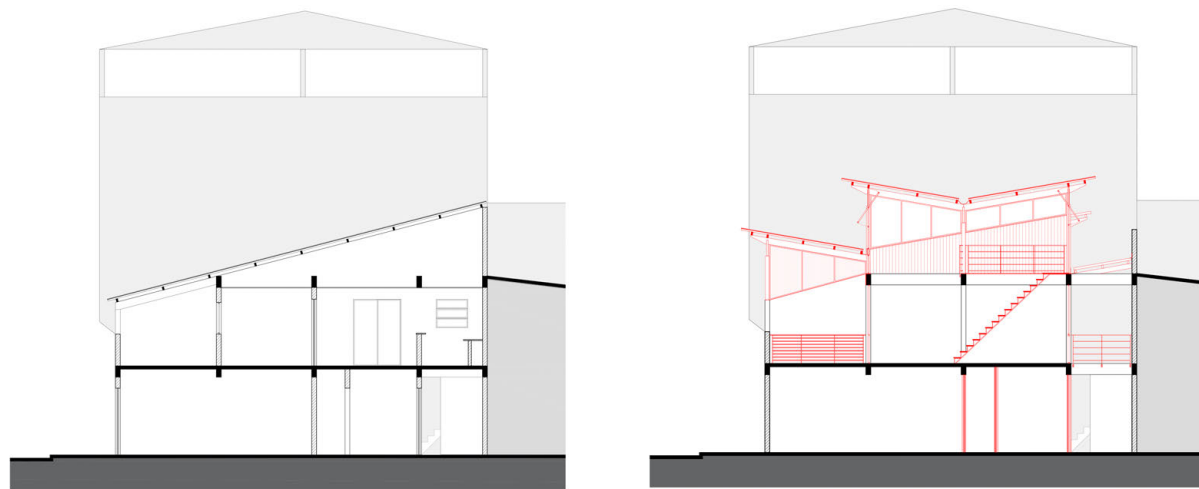


Fig. 10: Casa Rabelo, Japeri, RJ. Fonte: Livia Borges e Vinicius Soares, 2021.

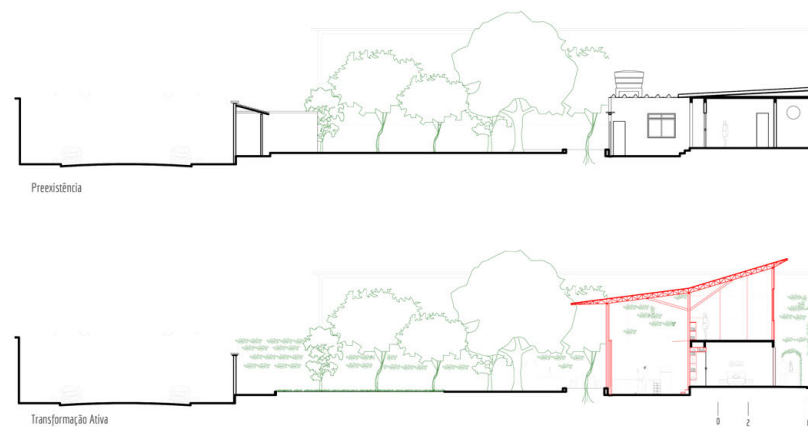


Fig. 11: Casa Araújo, Rocha Miranda, RJ. Fonte: Cindy Raísa e Duana Araújo, 2022.

Para além das questões relativas ao ambiente físico-material, é abordado o debate sobre “indeterminação” (MACIEL, 2015) e flexibilidade dos espaços. É provocada a reflexão sobre como projetar espaços – domésticos ou públicos – para abrigar a vida coletiva em sua complexidade e constante transformação, possibilitando a ressignificação por parte dos seus habitantes, reconhecidos como agentes de produção e invenção do cotidiano (DE CERTEAU, [1984] 1996). Nesse sentido, o quintal, o terraço, a varanda e a garagem, locais caracterizados pela apropriação coletiva através de múltiplas atividades previstas e imprevisíveis, se apresentam como espaços potentes. No projeto Terraço do Guca (Fig. 12) é proposta uma estrutura de madeira com fechamento em tela metálica no perímetro do terraço existente, que funciona como um filtro visual

para o espaço. É preservada (e potencializada) a qualidade do terraço enquanto suporte para diversas apropriações. No projeto Praças Aéreas (Fig. 13) uma nova torre de circulação externa permite acesso independente ao espaço comunitário na laje de cobertura de um edifício residencial coletivo.

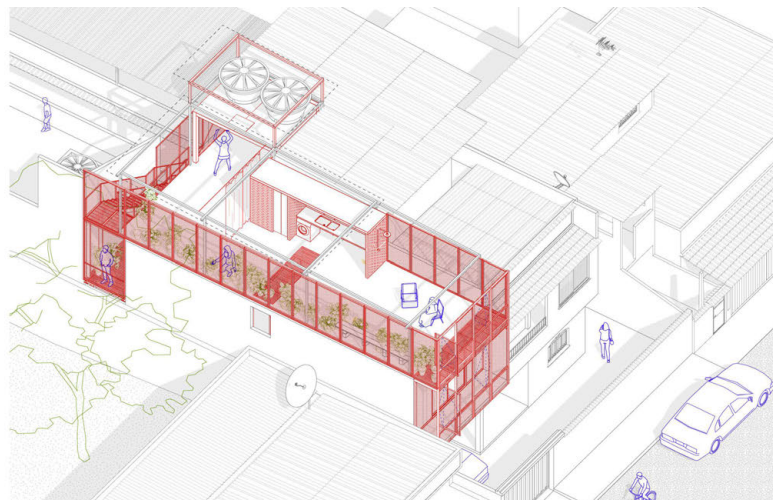
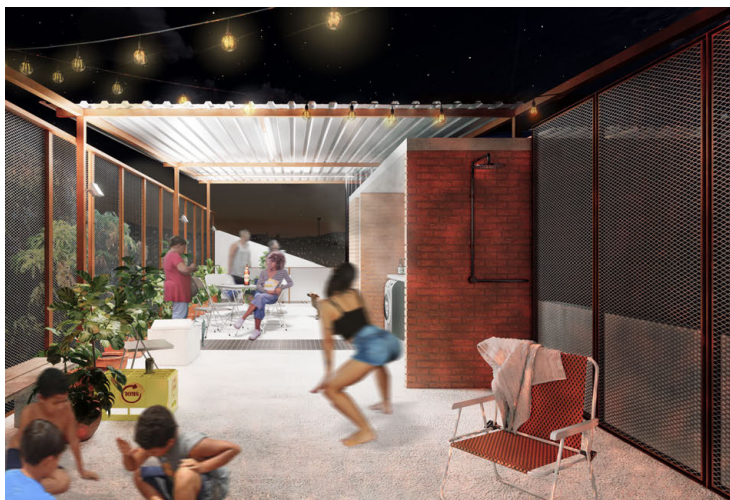


Fig. 12: Terraço do Guca, São Gonçalo, RJ. Fonte: Gláucia Cunha e Roger Costa, 2021.

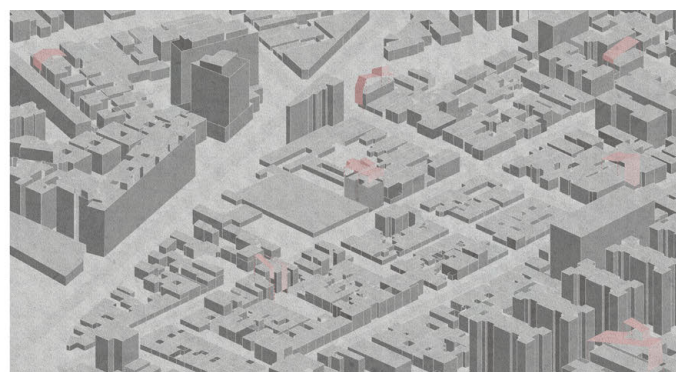
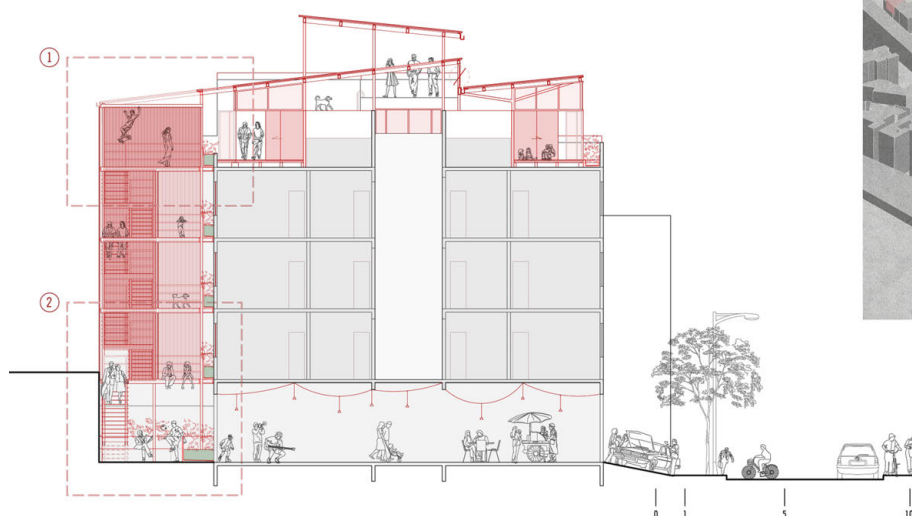


Fig. 13: Praças Aéreas, Vila Isabel, RJ. Fonte: Joanna Ferreira e Thaina Bessa, 2021.

Outro aspecto relevante nos contextos periféricos é a conjugação ao ambiente residencial de espaços destinados ao trabalho remunerado (cabeleireiro, bar, ateliê de costura, oficina mecânica, entre outros). A fachada no nível térreo torna-se mais porosa e a casa se expande para a rua, denotando um aspecto cultural da vida de vizinhanças populares na cidade do Rio de Janeiro (VOGEL, 1985) e de outras cidades brasileiras. O projeto da Casa-bar (Fig. 14) lida com a convivência entre a casa e o comércio, entre a vida privada e a vida coletiva. O desafio de gerenciar as circulações e acessos é o ponto de partida para o projeto. Do ponto de vista construtivo, parte-se de um sistema usual nessas periferias na construção de telheiros sobre terraços e calçadas, que consiste na estrutura metálica tubular de pequena seção. A telha simples de aço galvanizado, também corriqueira nas paisagens autoconstruídas, é explorada não apenas como cobertura mas também como material de vedação no plano vertical. Essas escolhas permitem a criação de amplas circulações avarandadas e sombreadas para apropriação coletiva, da casa ou do bar, em diferentes níveis.

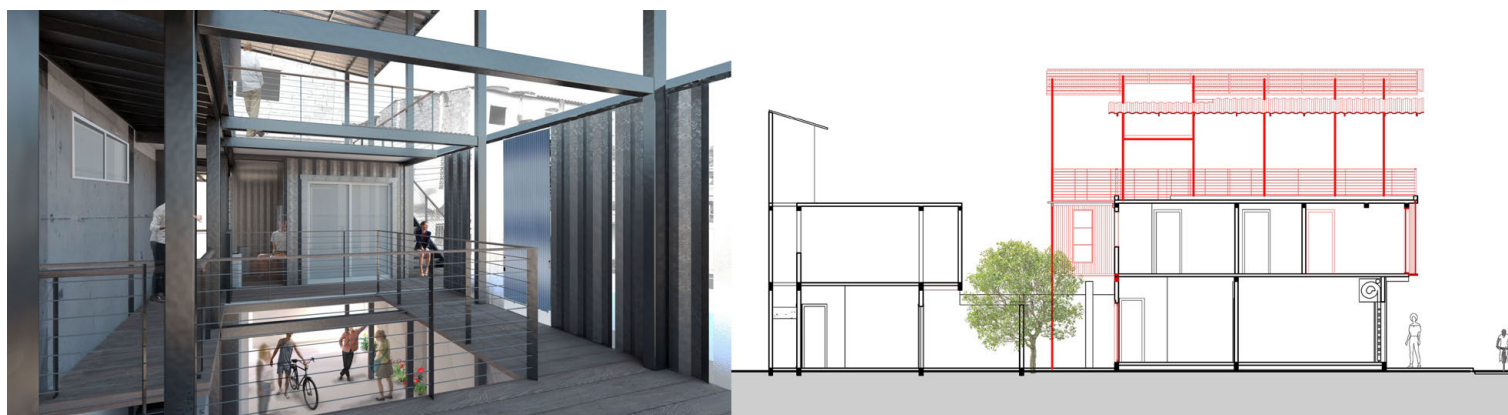


Fig. 14: Casa-Bar, Guaratiba, RJ. Fonte: Desirée Vacques e Taís Vicente, 2020.

A dimensão coletiva da cidade é também trabalhada nos projetos Quintal Urbano (Fig. 15) e À Margem (Fig. 16) que se dedicam a pequenos equipamentos comunitários abertos a diversos públicos. O primeiro, um equipamento em dois terrenos de esquina, inclui a rua no espaço projetual. Os quintais são usualmente espaços utilizados para as atividades de trabalho doméstico (lavar e secar roupa, cozinhar, etc), para o cultivo de horta ou jardim e para atividades de lazer e sociabilidade. A proposta, entretanto, desloca seu contexto de origem (o interior do lote doméstico) agregando o adjetivo “urbano” e conferindo uma dimensão pública.

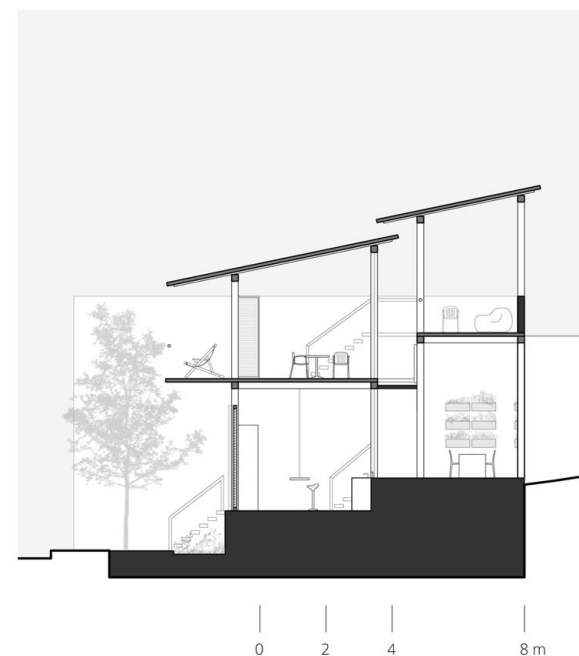


Fig. 15: Quintal Urbano, Belford Roxo, RJ. Fonte: Carolina Rapozo e Isabela Martins, 2021.

O trabalho doméstico sai de casa e uma lavanderia coletiva é proposta junto ao espaço de cozinha e refeitório. Uma espécie de *grid* estrutural suporta planos soltos de cobertura metálica atribuindo a essas esquinas um caráter de abertura e transparência. No segundo exemplo (Fig. 16), a proposta consiste em um espaço destinado a moradores de rua. A proposta parte do sistema estrutural modular de andaimes para construir um abrigo coberto com espaços abertos para a permanência e outros fechados para guarda de materiais. Cobertura e fechamento adquirem continuidade a partir de uma sequência de planos de telha translúcida. São definidos também planos de piso em diversos níveis.

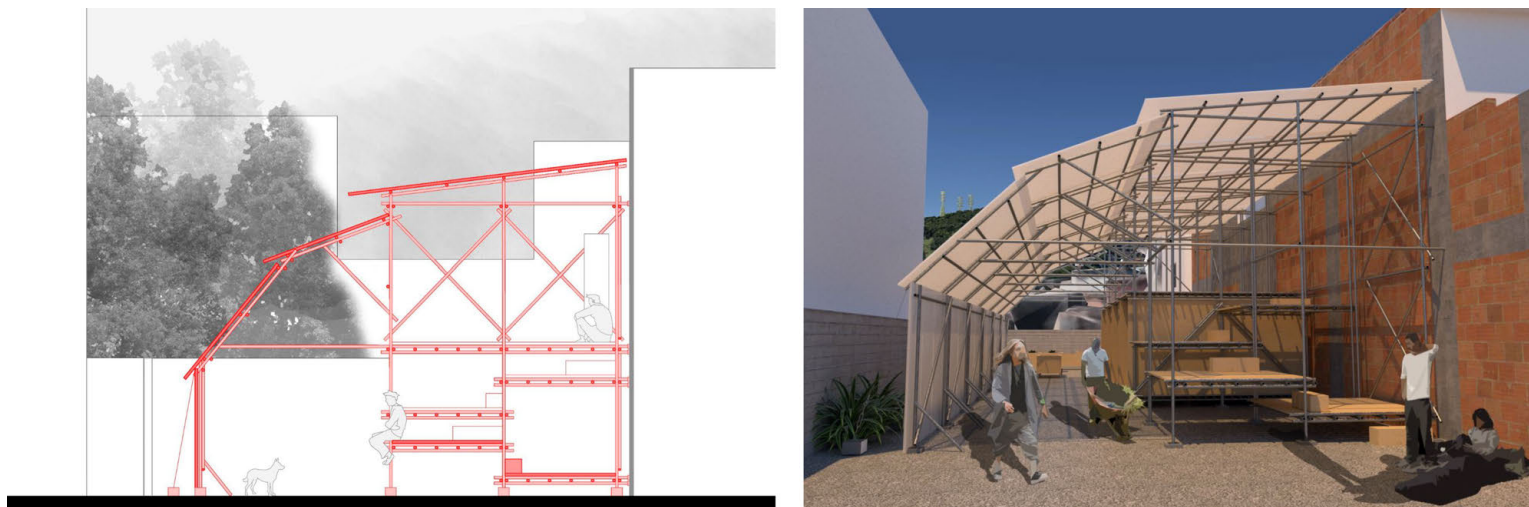


Fig. 16: À margem, Madureira, RJ. Fonte: Alexander Moraes e Lucas Pereira, 2020.

O reconhecimento de um conjunto de elementos, materiais e soluções construtivas comuns e sua apropriação e reformulação criativas é um procedimento recorrente nos trabalhos do Ateliê. Olhar para aquilo que foi construído sem a presença de arquiteta(o)s com interesse projetual, “aprendendo com” essa arquitetura corriqueira ou do “ordinário”, como proposto por Enrique Walker (WALKER, 2010). Esse aspecto se explicita no projeto Casa dos Varais (Fig. 17), no qual o próprio varal, reinterpretado, ganha escala e se torna um elemento de constituição de espacialidade e ambiência. E no projeto Galinheiro (Fig. 18), o ordinário também se apresenta como uma chave criativa importante. A escolha de um programa incomum lança luz à presença de outros habitantes do espaço, não humanos e usualmente negligenciados: as galinhas. O projeto, entretanto, extrapola sua função inicial e se torna o portal de entrada para o sítio. Do ponto de vista da tectônica, a tela de galinheiro e o tijolo cerâmico, materiais comuns, ao serem utilizados de forma não usual, ganham expressividade poética.

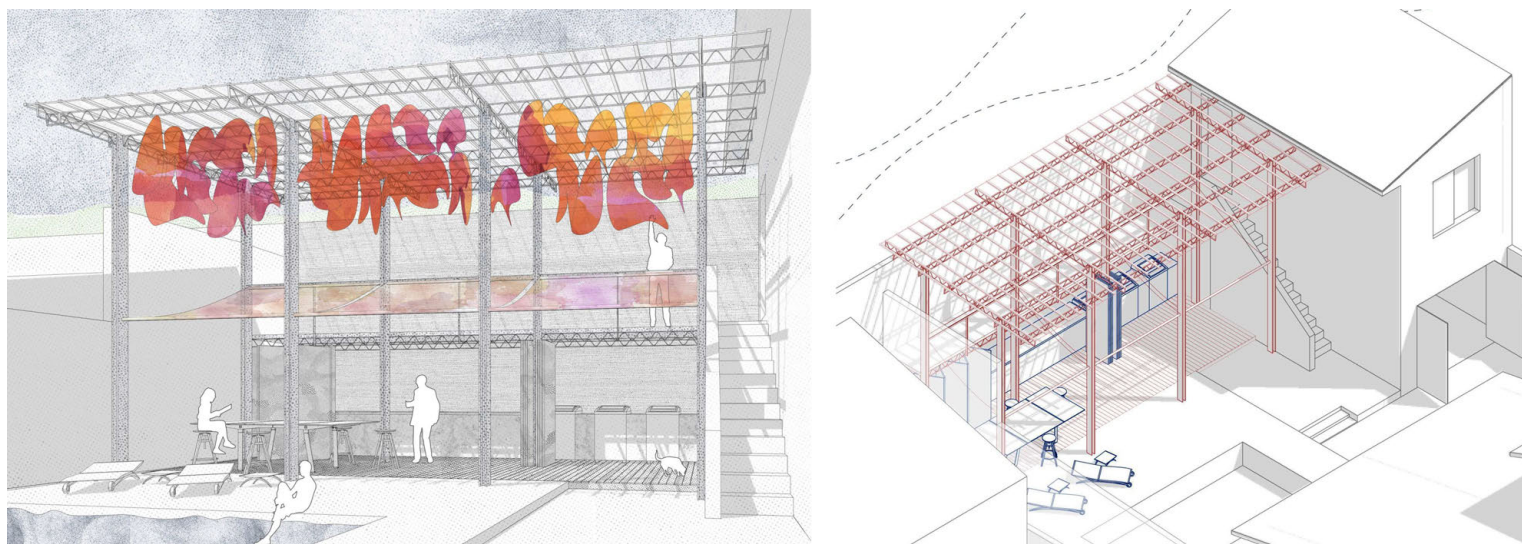


Fig. 17: Casa dos Varais, Ilha do Governador, RJ. Fonte: Arthur Frensch e Ana Totti, 2020.

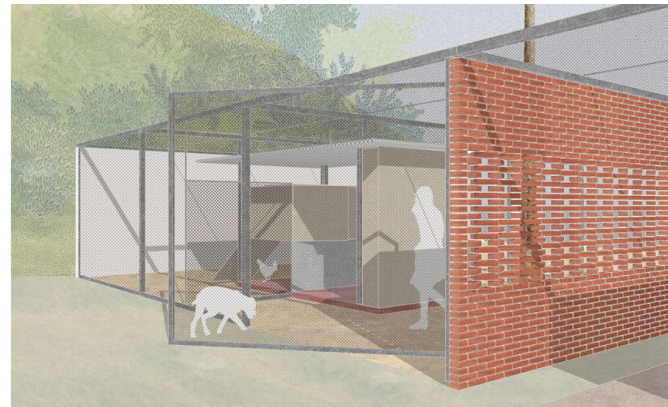
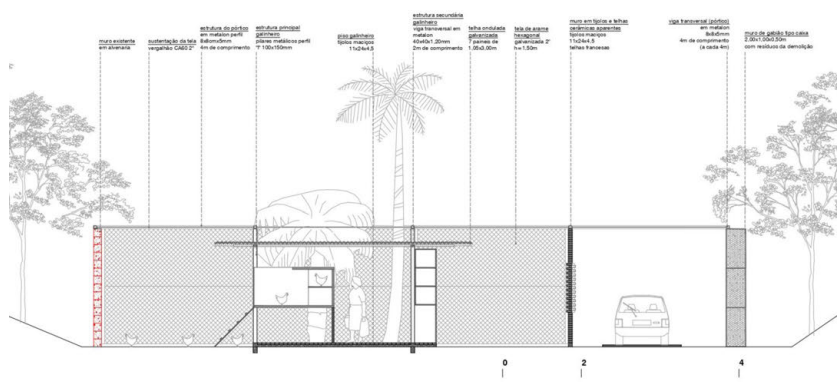


Fig. 18: Galinheiro, Morro Azul do Tinguá, RJ. Fonte: Renata Esteves e Clara Ebert, 2020.

6 Considerações finais

O “Ateliê Aberto” da FAU-UFRJ é um espaço de reflexão e experimentação de prática projetual nas periferias, onde vive grande parte de seus estudantes. Acredita-se ser imprescindível que o ensino de arquitetura seja dedicado a ampliar a atuação de arquiteta(o)s para além das camadas mais favorecidas de nossa população. O trabalho nesses contextos tem sido desafiador e estimulante para estudantes e professores. Percebemos a motivação da(o)s estudantes em terem a oportunidade de se dedicar a projetos nos contextos onde vivem. Dessa forma, enxergam a possibilidade de atuarem na vida profissional em projetos dessa natureza e de serem importantes agentes de transformação desses territórios. Por outro lado, ao praticarmos os modos convencionais de concepção de projeto, no que diz respeito aos produtos gráficos e meios de representação, nos conscientizamos da necessidade de estabelecer um debate mais amplo sobre outras formas de projetar e atuar a partir da arquitetura. Entendemos que o tensionamento do “lugar comum” do projeto desafia tanto o desenho técnico de arquitetura, que frequentemente não dá conta de aspectos de uso e transformação do espaço no tempo; quanto a própria concepção do projeto como produto intelectual autoral.

A abordagem contra-hegemônica aqui apresentada se constrói a partir da aproximação a um repertório de projetos e práticas contemporâneas latino americanas assim como da vinculação entre pensar e fazer, contrariando a separação estruturante da construção disciplinar. Essas são apostas que visam reposicionar a atuação da(o) arquiteta(o) para maior infiltração nos territórios urbanos contemporâneos. A pequena escala se apresenta como instrumento de resistência para que possamos vislumbrar essa possibilidade.

As propostas da(o)s estudantes de qualificação do espaço construído se baseiam, em sua grande maioria, em operações que se processam “de dentro para fora”, ou do lote individual para a cidade. A quantidade e diversidade de projetos realizados no ateliê ao longo de três anos ganha outra dimensão quando reunida e analisada em conjunto, demonstrando o potencial de transformação coletiva das paisagens periféricas a partir do pequeno.

Referências

ARAVECCHIA-BOTAS, N. O pensamento decolonial: caminhos para o ensino de arquitetura na América Latina. In: **América** v. 1, pp. 76-81, 2018. Disponível em: <http://ojs.escoladacidade.org/index.php/americ/article/view/48/39>. Acesso em: 27/11/2022.

CALDEIRA, T. P. R. Peripheral urbanization: Autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global south. In: **Environment and Planning D: Society and Space** 35(1), pp. 3-20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F0263775816658479>. Acesso em: 12/11/2022.

CARRANZA, L. E.; LARA, F. L. **Modern Architecture in Latin America. Art, Technology, and Utopia**. Austin, University of Texas Press, 2015.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, [1984] 1996.

DE DUVE, T. Quando a Forma Se Transformou Em Atitude, e Além. In: **Arte & Ensaios** n.10, pp. 93-105, 2003.

- DIEZ, F. Tácticas de infiltración. Diez años de experimentación en Buenos Aires. In: **Summa+ n.107**, pp. 34-39, 2010.
- ESKINAZI, M.; ENGEL, P. A fachada como interface, de Lúcio Costa a Irmãos Roberto: Repertório de projetos. Anais do 13 Congresso do Docomomo Brasil, 2019. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/110533.pdf>. Acesso em: 12/11/2022.
- GOMA OFICINA (org). **Arquiteturas Contemporâneas no Paraguai**. São Paulo: Romano Guerra Editora/ Editora Escola da Cidade, 2019.
- FAIDEN, M.; ADAMO, S. El constructor contemporáneo. 2009. Disponível em: <https://adamo-faiden.com/pdfs/adamo-faiden-el-constructor-contemporaneo.pdf>. Acesso em: 28/10/2022.
- VOGEL, A. (org). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3. ed. São Paulo: Projeto FINEP; IBAM, 1985.
- FERRO, S. (1975). O canteiro e o desenho. In ARANTES, P. F. (org.). **Arquitetura e Trabalho Livre / Sérgio Ferro**. São Paulo: Cosac Naif, 2006.
- FRAMPTON, K. **Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture**. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- FRAMPTON, K. Rappel à l'ordre: argumentos em favor da tectônica (1990). In: NESBITT, K. (Ed.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 557-569.
- MACIEL, C. A. **Arquitetura como infraestrutura**. 2015. 378 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- PASSARO, A. M.; FAVERO, M. Hibridizações. **Fresta v. 1**, p. 2-2, 2006.
- SENNETT, R. **Construir e Habitar. Ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, [2019] 2021.
- SLADE, A. **A cidade a partir das relações entre moradia e trabalho: um olhar sobre duas Américas**. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Urbanismo - PROURB) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- WALKER, E. (ed.). **lo ordinario**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2010.